

EXPERIÊNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-INDÍGENA NAS ESCOLAS DA CREDE 15 DOS INHAMUNS

Maria Sônia Quinino de Medeiros¹
Paulo Robson Gonçalves Loiola Almeida²
Fabiana Martins de Sousa³
Denes Viana de Sousa⁴

Resumo

Este artigo trata sobre o Projeto História e Cultura Afro-indígena dos Inhamuns, desenvolvido pela Coordenadoria de Desenvolvimento Regional da Educação - Crede 15, nas escolas de Ensino Médio sob sua jurisdição, a partir de uma formação realizada pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará- Seduc-CE, no ano de 2015. Neste sentido, o artigo apresenta as atividades realizadas com o desenvolvimento do projeto e traz a experiência exitosa de quatro (4) escolas que aderiram à proposta no âmbito de suas atividades pedagógicas. Trabalhar esse tema, justifica-se na histórica trajetória de negação presente no imaginário social brasileiro no tocante à história e à cultura dos povos indígenas e africanos. O objetivo basilar do projeto é difundir a temática nas escolas de modo que atividades pedagógicas contínuas aconteçam envolvendo a temática afro-indígena, superando a ideia de um trabalho pontual ou esporádico, que não está contemplado na proposta curricular das escolas transversalmente. Para a difusão das ideias do projeto foi criado um grupo de trabalho (GT) com membros das escolas estaduais (professores de áreas diversas), coordenadores, técnicos da Crede e das secretarias municipais de educação dos cinco municípios que compõem a Crede 15. Serão relatadas, nesse artigo, as ações ocorridas na Crede 15 e nas escolas a partir do ano de 2016 até os dias atuais.

Palavras-chave: História. Cultura Afro-indígena. Escolas.

Abstract: EXPERIENCE OF HISTORY TEACHING AFRO-INDIGENOUS CULTURE IN INHAMUNS CREDIT SCHOOLS 15

This article deals with the Project History and Afro-indigenous Culture of the Inhamuns developed by Crede 15 in the secondary schools under its jurisdiction, based on a training carried out by Seduc-CE in the year 2015. In this sense, the article presents the activities carried out with the development of the project and brings the successful experience of four (4) schools that adhered to the proposal in the scope of their pedagogical activities. To work on this theme is justified by the historical trajectory of negation present in the

¹Técnica da CREDE 15 – Coordenadora do Projeto Afro-indígena;

²Professor da Eletiva História e Cultura Afro-indígena da EEMTI Lili Feitosa;

³Coordenadora da EEEP Monsenho Odorico de Andrade;

⁴Professor de Geografia da EEM Maria José Coutinho;

Brazilian social imaginary concerning the history and culture of indigenous and African peoples. The basic objective of the development project in Crede 15 is to disseminate the theme in schools so that continuous pedagogical activities take place involving the Afro-indigenous theme, overcoming the idea of a punctual or sporadic work that is not contemplated in the curricular proposal of the schools transversally. To disseminate the ideas of the project, a Working Group (WG) was created with members of state schools (teachers of various areas), coordinators, Crede technicians and municipal education secretariats of the five municipalities that compose Crede15. They will be reported in this article the actions taken in Crede 15 and in schools from the year 2016 until the present day.

Keywords: History. Afro-indigenous culture. Schools.

Resume: EXPERIENCIA DE LA ENSEÑANZA DE HISTORIA CULTURA AFRO-INDÍGENA EN LAS ESCUELAS DE LA CREDE 15 DE LOS INHAMUNS

Este artículo trata sobre el Proyecto Historia y Cultura Afro-indígena de los Inhamuns desarrollado por la Crede 15 en las escuelas de Enseñanza Media bajo su jurisdicción, a partir de una formación realizada por la Seduc-CE en el año 2015. En este sentido, el artículo presenta las actividades realizadas con el desarrollo del proyecto y trae la experiencia exitosa de cuatro (4) escuelas que se adhirieron a la propuesta en el ámbito de sus actividades pedagógicas. Trabajar ese tema se justifica en la histórica trayectoria de negación presente en el imaginario social brasileño en lo referente a la historia y la cultura de los pueblos indígenas y africanos. El objetivo básico del proyecto desarrollo en la Crede 15 es difundir la temática en las escuelas de modo que actividades pedagógicas continuas ocurra envolviendo la temática afro-indígena, superando la idea de un trabajo puntual o esporádico que no está contemplado en la propuesta curricular de las escuelas transversalmente. Para la difusión de las ideas del proyecto se creó un Grupo de Trabajo (GT) con miembros de las escuelas estatales (profesores de áreas diversas), coordinadores, técnicos de la Crede y de las secretarías municipales de educación de los cinco municipios que componen la Crede 15. Serán relatadas en ese artículo las acciones ocurridas en la Crede15 y en las escuelas a partir del año 2016 hasta los días actuales (mejoraré a partir de los datos del proyecto y del referencial teórico).

Palabras-clave: Historia. Cultura Afro-indígena. Escuelas.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar e refletir sobre a experiência do Projeto História e Cultura Afro-indígena dos Inhamuns, realizada pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – Crede 15, sob a coordenação geral da Técnica Maria Sônia Quinino de Medeiros, junto às escolas estaduais que estão sob a sua jurisdição. Deste modo, traz o relato da experiência na Crede 15 e em quatro(4) escolas, cujas experiências com o projeto são exitosas, conforme o relato dos articuladores do projeto em cada escola.

O projeto História e Cultura Afro-indígena dos Inhamuns foi idealizado a partir de uma formação realizada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, no ano 2015. A partir dela, a Crede 15 optou por dar início as atividades locais referentes à temática.

Ao repassar a formação da Seduc internamente, o grupo da Crede 15 sugeriu, inicialmente, a criação de um grupo de trabalho (GT) local, que viesse a elaborar e executar um projeto em nível de regional. Através dos técnicos locais, foi organizada a oficina com o intuito de compor o GT, ainda no ano de 2015.

Para isso, foram convidados, inicialmente, representantes de cada escola da rede estadual, na região, que tivessem afinidade com a proposta. Foram convidados, também, representantes das secretarias municipais da região dos Inhamuns e membros da sociedade civil do município de Tauá para compor a equipe.

A necessidade de trabalhar essa questão deve-se a histórica trajetória de negação da sociedade brasileira no que se refere aos povos africanos e indígenas, que foram a base da construção da nossa cultura.

É notória a forte negação da minoria branca e, até mesmo, de descendentes desses povos no tocante a hábitos e costumes que, por conta disso, acabam sendo extintos. Exemplo maior disso, são as línguas indígenas que pouco são faladas em nosso território. Como meta principal, o projeto, objeto deste artigo,

visa oportunizar aos educandos e a sociedade em geral um olhar diferenciado acerca da nossa identidade cultural tipicamente brasileira, resgatando e valorizando nossos povos ancestrais.

Concretizamos a existência do GT afro-indígena como proposta pedagógica nas escolas da rede de ensino estadual e secretarias municipais, em 2016, dando continuidade até os dias atuais. A visita da técnica, coordenadora do GT, realiza-se de acordo com a adesão das escolas, onde é construído um plano de ação para ser desenvolvido.

As ações discutidas e definidas no GT são concretizadas nas escolas ao longo de cada ano letivo, desde 2016 até os dias atuais é realizada uma culminância através de uma formação intitulada “Reunião do GT afro-indígena dos Inhamuns Crede 15” que tem como intuito dar suporte e visibilidade aos trabalhos elaborados pelos multiplicadores do GT, pois no início de cada ano letivo, compartilhamos nossas experiências e práticas educacionais.

É importante salientar que na Crede 15 há escolas desenvolvendo com maestria as ações planejadas no GT e estas serão brevemente relatadas no decorrer desse artigo, a partir do relato dos articuladores do GT nas escolas: Escola Ensino Médio em Tempo Integral- EEMTI Lili Feitosa; Escola Estadual de Educação Profissional-EEEP Monsenhor Odorico de Andrade; Escola de Ensino Médio- EEM Maria José Coutinho e a Escola Indígena Tabajara Carlos Levy.

2. SITUANDO O TEMA DO PROJETO HISTÓRIA E CULTURA AFRO-INDÍGENA

O histórico processo de negação que a população de afrodescendentes e indígenas tem vivenciado ao longo da história da formação da sociedade brasileira é verificado como forte expressão de enfrentamento e resistência daqueles que, vitimados pelo estado de escravidão, tiveram seus direitos mínimos negados, tais como o direito de ir e vir, bem como a própria condição de ser visto como ser humano, o que gerou negação de sua existência.

A referida escravização, na contemporaneidade, tem

tomado contornos diferentes. De uma expressão hostil que atinge o ser como todo. Existindo assim uma escravidão tão simbólica a ponto de se manifestar quase imperceptivelmente aos que são escravizados, todavia, essa forma de escravidão exerce efeitos tão danosos quanto os de outrora.

É contraditório o descaminho entre o que preconiza a legislação vigente e a execução das políticas públicas relacionadas às questões étnico-raciais. Mesmo quando a lei é enfática, na prática seus efeitos são tímidos ou quase inexistentes, devido a interesses divergentes, de setores e instâncias sociais diferentes.

Diante das argumentações efetivadas e das contínuas lutas pelos movimentos sociais, em geral, de negros, índios, apoiadas por intelectuais, pesquisadores, órgãos governamentais e não governamentais, a temática História e Cultura Afro-brasileira tem sua abordagem legal a partir da Constituição federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1º do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como no Art. 26, 26 A e 79B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito de acesso às diferentes fontes de cultura nacional aos brasileiros.

Com a necessidade de maior diálogo sobre ações da educação para as relações étnicas - raciais, surge a Lei 10.639, assinada pelo Presidente da República em 9 de janeiro de 2003, alterando a LDB e apresentando a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas.

Esta lei foi ampliada com a Lei 11.645/08. Assim, as exigências legais das Leis nº 10.639/03 e de nº 11.645/08, na Resolução CNE/CP nº 01/2004 e no Parecer CNE/CP nº 03/2004 orientam as instituições de educação a elaborar ou avaliar/programar o Projeto Político Pedagógico – PPP, incluindo no currículo o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, também com esta orientação, entre outras, no Plano Nacional de Implantação das

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais.

Na busca de efetivar ações cotidianas nas rotinas e planos de aula para a inclusão, e em cumprimento as leis existentes, necessário se faz o compromisso solidário e articulado de todos que compõem a educação brasileira e sociedade civil, a partir das orientações legais e atitudes no contexto local.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA DAS ESCOLAS

3.1 EEMTI Lili Feitosa

Ainda sob a nomenclatura de EEM Liceu Lili Feitosa, essa escola já cultivava a tradição de trabalhar essa temática na forma de projetos paralelos desenvolvidos com grupos de alunos e ações pontuais em datas comemorativas que sempre tiveram aceitação e repercussão dentro do ambiente escolar.

Paulatinamente, essas ações foram ganhando mais espaço e o marco inicial dessa evolução deu-se no ano de 2016, quando um grupo de alunos, liderados pelo professor Paulo Robson Loiola, desenvolveu ao longo deste ano o projeto Herança Afro-Indígena e Racismo no Brasil. Um projeto que levantou dados relativos a hábitos da nossa cultura que são herança da tradição e da cultura negra e indígena, mas que muitas pessoas desconhecem.

Da culinária ao nosso idioma, catalogamos todos os dados e, dando continuidade às ações propostas, divulgamos nossa pesquisa para a comunidade escolar na forma de palestras focando em determinadas turmas.

Para surpresa e alegria dos participantes, despertamos o interesse da então professora de Língua Portuguesa, Geruza Almeida, que achou a ação riquíssima, principalmente, na parte referente ao nosso idioma. Assim, esta fez o convite ao grupo para expor o trabalho nas suas aulas, num exercício oportuno de interdisciplinaridade.

Já próximo ao final do ano letivo, ocorreu a tradicional feira escolar para exposição dos projetos desenvolvidos pela escola e o trabalho sobre a herança afro e indígena sagrou-se vencedor, na área

de Ciências Humanas, e foi representar a escola na Feira Regional de projetos do Crede 15. Destacamos, aqui, o interesse e a alegria dos estudantes que participaram de todo o processo.



FOTO 1: Exposição do Projeto na Feira Escolar - Fonte: Arquivo da EEMTI Lili Feitosa.

Em 2017, a escola deu início ao processo de ensino em tempo integral e perdeu a nomenclatura de Liceu, passando a chamar-se Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Lili Feitosa.

Em relação às ações do GT Afro-indígena, ainda sob o comando do professor Paulo Robson Loiola, a proposta de continuidade foi remodelada optando por uma formação para os alunos associada a um concurso de beleza. Foi feita a divulgação, inicialmente, expondo somente o concurso de beleza para alunos e alunas com traços das etnias afro e indígena.

Com o auxílio da professora Geruza Almeida – que passou a fazer parte do GT escolar em parceira com o professor Fafá Alves – foram feitas as inscrições dos interessados e, posteriormente, a seleção inicial para o grupo final de participantes.

Com o grupo formado, eles foram informados de que não seria somente um concurso de beleza, mas também, uma formação com conteúdo sobre a temática que seria desenvolvida ao longo do ano e, somente, no final é que seria realizada a cerimônia

de escolha dos representantes da beleza étnica. Diante disso, alguns alunos desistiram e foram prontamente substituídos e, assim, foi dada continuidade a metodologia de execução do projeto.

A proposta para esse ano de 2018, em síntese, é associar conteúdo e formação à questão de valorização da estética das pessoas que são, realmente, o perfil do povo brasileiro, que sempre foi menosprezado pela mídia, pelo fato desta só expor e valorizar os traços arianos que não representam o povo brasileiro.

Os momentos de formação foram executados pelos membros do GT e, também, por parceiros, como o professor de História, Ecílio Cavalcante, e a professora de Filosofia e, também, coordenadora geral das ações de valorização da cultura afro e indígena na Crede 15, Sônia Medeiros. Destacamos também o apoio dado pela coordenação escolar, em especial, da coordenadora, Daniela Loiola, e do Diretor, João Pereira, que viabilizaram a execução deste trabalho e emitiram a certificação dos participantes.

Além dos momentos de formação com os alunos selecionados, o grupo de trabalho atuou também em momentos pontuais como, por exemplo, no dia da Consciência Negra, trabalhando junto às turmas de

1º ano do tempo integral. Novamente, o projeto sagrou-se vencedor, na área de Ciências Humanas, na feira anual de projetos da escola e participou do Ceará Científico - fase regional.



Foto 2 - Momento de Formação no Dia da Consciência Negra - Fonte: Arquivo da EEMTI Lili Feitosa.



Foto 3 - Momento de Formação no Dia da Consciência Negra - Fonte: Arquivo da EEMTI Lili Feitosa.



Foto 4 - Participação no Ceará Científico 2017 – Etapa Regional - Fonte: Arquivo da EEMTI Lili Feitosa.

Finalizamos este processo com a cerimônia de escolha do representante masculino e feminino da beleza étnica da escola. Um momento inédito e que se destacou pela valorização da beleza tipicamente brasileira e, por que não dizer, nordestina. Todos os

envolvidos saíram vencedores não pelo título, mas pelo conhecimento que levaram através das formações, pelo enriquecimento do currículo e pela formação humana que acaba sendo o maior dos prêmios.



Foto 5 - Vencedores do concurso Beleza Étnica - Fonte: Arquivo da EEMTI Lili Feitosa.

Destacamos, aqui, as viagens feitas pelo grupo de alunos, nos anos de 2016 e 2017, à aldeia Tabajara e à Escola Indígena Tabajara Carlos Levy, no município de Quiterianópolis. Nessas oportunidades, os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar um pouco da realidade indígena da região a qual pertencem e compreenderem um pouco melhor os costumes deste povo.

Em 2018, a escola dá continuidade às ações por meio da eletiva Cultura Afro e Indígena. Por conta do tempo integral, temos a oportunidade de trabalhar de modo mais sistematizado essa temática, sempre oportuna e necessária, para a formação dos nossos jovens.

3.2 EEEP Monsenhor Odorico de Andrade

A proposta pedagógica da EEEP Monsenhor Odorico de Andrade propõe um ensino pautado em princípios que valorizem a diversidade e proporcionem o respeito às diferentes culturas, dessa forma, é possível formar jovens que sejam cidadãos éticos e que respeitem a todos sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, condições econômicas, etc. Dentro dessa perspectiva, essa instituição de ensino promove um trabalho de sensibilização e valorização da História e Cultura Afro-Indígena.

No ano de 2016, a EEEP Monsenhor Odorico de Andrade abraçou o Projeto História e Cultura Afro-Indígena da Região dos Inhamuns, que surgiu em uma reunião na Crede 15, esse trabalho é fruto de ideias de pessoas que se sensibilizam com a causa dos menos favorecidos.

A proposta foi tornar a escola um espaço de reflexão ao abordar temas que possam contribuir com a formação da identidade dos estudantes e, assim, minimizar os preconceitos existentes.

De início, o projeto foi acolhido pelos professores da área de Ciências Humanas, José Luiz Gonçalves, Mirian Oliveira, Gerdian Teixeira e Adyvane Alves, com o apoio da coordenadora escolar, Fabiana Martins. Os alunos das 1^{as} e 2^{as} séries foram convidados a participar de ações que contribuíram com uma educação que prima pela desconstrução de práticas preconceituosas, bem como a

sensibilização na busca de uma educação que defenda a inclusão.

Durante o desenvolvimento do projeto, no ano de 2016, foram colocadas em prática as seguintes ações: palestra sobre preconceito racial, produção de peça teatral, exibição de documentário e pesquisas sobre culinária, vestimenta, pintura, música, dança, levando em consideração a influência afro-indígena na formação da cultura brasileira. A culminância aconteceu no dia da Consciência Negra com apresentação do grupo de capoeira, exposição de telas, apresentações de danças e encenação teatral.

No ano de 2017, o projeto passou a ser coordenado pela professora de História, Michely Soares. Foi desenvolvido com as turmas de 1^a séries e teve um diferencial, pois trouxe uma inovação ao possibilitar um contato direto dos alunos com os índios Tabajaras, na Aldeia Fidelis, em Quiterianópolis. Essa ação fez toda a diferença, porque a experiência do intercâmbio de forma educativa proporcionou o resgate da identidade a partir do entendimento de quem somos, quando temos a história como referência.

Ainda no ano de 2017, o Grupo de Trabalho foi formado através das orientações da Professora Sônia Medeiros, técnica da Educação Afro-indígena, na Crede 15. A sua atuação tem fortalecido o trabalho no “chão” da escola ao trazer à tona a importância da incorporação no currículo escolar de uma abordagem mais humana das questões relacionadas ao negro e ao índio.

Na busca de proporcionar que a aceitação de si mesmo seja uma realidade na vida de alunos que se sentem excluídos por causa da cor, essa Instituição de ensino, através do Projeto História e Cultura Afro-Indígena, promoveu, no ano de 2017, o Desfile Miss Afro. Momento oportuno que foi determinante para que jovens negras pudessem assumir a própria cor e os demais alunos fossem estimulados a respeitar as diferenças, quando é proposto um trabalho educativo voltado para a sensibilização. Ainda nesse ano, foi realizada a produção de um quadro vivo da obra Iracema, de José de Alencar e Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado.



Foto 6 – Desfile Miss Afro 2017

FONTE: Acervo fotográfico da Escola Profissional Monsenhor Odorico de Andrade

O contexto do mundo atual é caracterizado pelo individualismo, consumismo, falta de solidariedade, ética e é marcado pelas desigualdades sociais. Sendo assim, é necessário que o espaço escolar invista nas práticas que desenvolvam a empatia, tornando os jovens mais humanos.

Considerando essa concepção, o projeto apresenta-se como uma metodologia que fortalece um ensino voltado para a cidadania quando prioriza o respeito pelo próximo, conseqüentemente, a sua vivência que

tem colaborado para a prática de ações visivelmente humanas.

No primeiro semestre de 2018, os alunos das 1ª séries realizaram uma ação solidária ao fazer uma campanha de arrecadação de roupas, calçados, alimentos, brinquedos e livros que foram doados, no mês de junho, à comunidade Indígena, na Aldeia Fidelis, em Quiterianópolis. De forma precisa, foram doadas 3.542 roupas, 363 calçados, 738 livros, 172 brinquedos e 101 kg de alimentos.



Foto 7 – Visita à Aldeia Fidelis

FONTE: Acervo fotográfico da Escola Profissional Monsenhor Odorico de Andrade

Neste ano de 2018, nas aulas de História, a professora tem proporcionado um estudo sobre os direitos dos povos indígenas e aberto o espaço para a discussão sobre preconceito racial, sempre estabelecendo uma relação dos conteúdos do livro didático com a realidade.

O projeto teve sua culminância no Ceará Científico, na fase escolar, ocorrido em agosto de 2018. Na oportunidade, serão realizadas as seguintes ações: o desfile miss Afro, uma competição musical e a participação dos Índios Tabajaras da Aldeia Fidelis, dançando o Toré.

No desfile do dia 7 de Setembro, um pelotão

relacionado à História e Cultura Afro-Indígena será formado. E como já virou tradição, todos os anos, no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, a escola recebe o grupo de capoeira Jaguar.

A execução deste projeto tem sido muito significativa por fortalecer o papel da escola na prática da inclusão social, pois ela é um espaço que pode contribuir para que as injustiças que estão bem presentes na realidade brasileira sejam minimizadas. Portanto, a prática de projetos que combatam atitudes discriminatórias e racistas é imprescindível na construção da identidade nacional.



Foto 8 - Apresentação do Grupo de Capoeira do Professor Jaguar
Fonte: Acervo fotográfico da Escola Profissional Monsenhor Odorico de Andrade

3.3 EEM Maria José Coutinho

O projeto afro-indígena começou a ser desenvolvido na escola Maria José Coutinho, no ano de 2015, a princípio quando foi feita a proposta pela técnica da crede solicitando um professor que se identificasse com a temática, a diretora não fez nenhuma objeção, apoiou a causa e pôs a escola à disposição para que fosse trabalhada da melhor forma possível e que este projeto pudesse contribuir com o ensino e aprendizagem e de forma significativa com a identidade afro-indígena.

A partir da adesão ao projeto, nosso primeiro passo

foi criar um plano de ação para que pudessemos atingir as metas pré – estabelecidas, com base na elaboração do projeto feito por integrantes do GT, composto por escolas da jurisdição da Crede e sociedade civil tauaense, logo, em seguida, criamos em um dos planejamentos da escola, o GT local apoiado por professores de todas as áreas.

Buscamos firmar parcerias com a aldeia indígena de Fideles, onde a escola tem contribuído muito para o desenvolvimento do projeto. Buscamos também firmar parcerias com a comunidade Quilombola de Furada, situada neste município, sem muito êxito,

mas temos como perspectiva poder também contribuir com esta comunidade.

Fizemos o mapeamento das aldeias indígenas e das comunidades quilombolas do município e procuramos inserir ações na proposta curricular do projeto no intuito de fortalecer as ações, no tocante à relação com o contexto em que estamos inseridos.

É importante ressaltar que, por meio de um outro projeto intitulado Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais -NTTPS, nossos alunos desenvolvessem projetos de pesquisa sobre a cultura afro-indígena que, por sinal, ganhou grande destaque na exposição dos projetos científicos do Ceará Científico, na fase escolar de 2017, e que foi eleito como o melhor projeto de pesquisa da Escola, na Área de Ciências Humanas, indo representar a escola na fase regional. Tudo isso, é motivo de alegria para nós que nos sentimos responsáveis pela

execução do projeto.

No percurso da realização do projeto, sentimos dificuldades no ato da realização de algumas ações quando estas dependem de outras instituições, pois havíamos colocado em nosso plano de ação a realização de parcerias com o município, criando o dia “D” das exposições dos trabalhos, realizados pela escola Maria José Coutinho e por escolas da rede municipal e não obtivemos êxito nessa proposta. Mas, vamos continuar insistindo nessa ideia que julgamos relevante para o fortalecimento do projeto.

Para este ano de 2018, já traçamos e estamos realizando algumas ações a fim de que os nossos alunos participem de forma assídua de atividades, tais como: o tapete da identidade, oficinas de capoeira realizadas por alunos da escola, concursos de identidade e outros.



Foto 9– Participação da EEM Maria José Coutinho no Abril Indígena – comunidade de Fidélis
Fonte: Arquivo fotográfico da EEM Maria José Coutinho.



Foto 10 – Participação da EEM Maria José Coutinho no Abril Indígena – comunidade de Fidélis
Fonte: Arquivo fotográfico da EEM Maria José Coutinho.

3.4 Escola Indígena Tabajara Carlos Levy

Em 2015, a Escola Indígena Tabajara Carlos Levy foi convidada a participar do I encontro relativo ao Projeto sobre a cultura e a história Afro-indígena dos Inhamuns. Mas, somente em 2016, o projeto ganhou uma estruturação com objetivos e ações construídas coletivamente, no II encontro e se fortaleceu nas ações desenvolvidas em cada escola.

Foi a partir do segundo encontro, realizado em 2016, pela Regional 15, que tivemos, então, uma experiência positiva e instigante. Tanto que a partir disso, essa escola conseguiu construir “uma ponte” entre os professores não indígenas com a comunidade escolar indígena.



Foto 11 – 1ª oficina de replicação da Formação Afro-indígena e Criação do GT, ano de 2015
Fonte: Arquivo fotográfico da Técnica da CREDE 15 Sônia Medeiros.

O Projeto Afro-indígena para educação escolar indígena da EIT Carlos Levy, tem sido tão representativo, sobretudo, por ter possibilitado a integração dessa escola com as demais escolas da região, através de intercâmbios que tem gerado o conhecimento sobre nosso povo e isso trouxe fortalecimento e visibilidade para a cultura e a história da nossa comunidade, bem como tivemos a oportunidade de mostrar nossas experiências no tocante ao trabalho educativo que realizamos na aldeia através da atuação da escola.

Outro ponto que merece ser ressaltado é que o projeto não ficou restrito aos muros da escola, visto que se estendeu também para aldeia. Os alunos não indígenas estiveram com a pajé dialogando sobre a espiritualidade cultural do povo Tabajara.

Nesses intercâmbios escolares, tivemos a honra de receber na escola indígena, as escolas: EEMTI Lili

Feitosa, EEM Maria José Coutinho, EEEP Monsenhor Odorico de Andrade e a professora Mônica Nunes e seus alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Também tivemos a participação da Sônia Medeiros e da militante Ana Vale na festa das Águas e da Rainha Yemajá, organizada pela pajé Francisca Lira, um encontro com os costumes tradicionais e culturais do povo Tabajara, um evento de espiritualidade e de respeito com os nossos encantados.

O projeto afro-indígena tem também a troca de experiência, com a participação da Crede 15, no abril indígena e neste ano de 2018, da Crede 16 presente, também, neste evento que a EIT Carlos Levy promove, envolvendo toda a comunidade da Aldeia Fidelis, onde se situa a escola.



Foto 12- Componentes do GT Afro-indígena no Encontro de 2017
Fonte: Arquivo fotográfico da Técnica da CREDE 15 Sônia Medeiros.

No encontro do GT realizado, em 2018, na sede da Crede 15, a escola indígena teve participação significativa na pessoa da sua líder, Eleniza Tabajara, que teve a oportunidade de falar sobre a história e a cultura dos índios Tabajara de Fidelis, revela fatos relevantes de nossa luta por afirmação, respeito e valorização.

A líder dos Tabajara, registro de foto na página seguinte, apresentou fatos sobre a luta pela existência da escola na comunidade e sobre como realizam o trabalho pedagógico envolvendo a cultura, os costumes e a história do seu povo para manter viva no dia a dia da comunidade por meio de da educação das crianças e jovens.



Foto 13 – Participação da Líder Eleniza Tabajara no Encontro do GT da Crede 15 em 2018
Fonte: Arquivo fotográfico da Técnica da CREDE 15 Sônia Medeiros.



Foto 14– Componentes do GT Afro-indígena no Encontro de 2018
Fonte: Arquivo fotográfico da Técnica da CREDE 15 Sônia Medeiros.

Para os educadores da educação escolar indígena, o projeto Afro- indígena tem trazidos muitas contribuições do ponto de vista pedagógico e educativo no trabalho com esta temática nas salas de aula e, conforme já citamos, vem dando

visibilidade não só no âmbito da educação escolar, mas na afirmação da cultura do povo Tabajara do município de Quiterianópolis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do Projeto História e Cultura Afro-indígena dos Inhamuns, como vimos, está pautada no fato de que, do idioma à religiosidade, temos uma herança que é negligenciada e, até mesmo, marginalizada por uma minoria elitizada que, por meio de meios de comunicação massificadores, perpetuam a valorização daquilo que não nos pertence.

As escolas têm papel fundamental de trabalhar a língua, as expressões artísticas e religiosas, a culinária e tudo que está em seu entorno, que é herança dos povos que constituem o alicerce da nossa nação.

Em meio a tudo isso, situamos a questão primordial do respeito, que deve permear todas as relações humanas dentro e fora dos muros das instituições de ensino. As sementes foram semeadas e, hoje, estamos colhendo muitos frutos desse pioneirismo em termos de discussão local dessas temáticas.

Ao longo do tempo, amadurecemos as discussões e estamos a cada dia consolidando ações coesas em articulação com as possibilidades em cada escola. Conquistamos participação de projetos sobre a temática no Ceará Científico, fase escolar e regional; criação de eletiva em uma Escola de Tempo Integral; intercâmbio com outros municípios e algumas atividades de intercâmbio com as universidades locais.

A cada ano, como foi relatado, o projeto tem crescido e se consolidado dentro do contexto das atividades pedagógicas das escolas, fortalecendo o trabalho com a história e a cultura afro-indígena em nossa região e, assim, o objetivo geral vem sendo atingido, ao passo que as ações têm sido desenvolvida de forma integrada a outras atividades de cunho escolar e regional, ganhando a notoriedade merecida e a valorização necessária, em termos de inserção na escolarização dos alunos e na ação docente. A perspectiva é de crescimento contínuo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>.

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico- Raciais**. Brasília: MEC/Secad, 2006.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>.

_____.Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____.Ministério da Educação e do Desporto,Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC. SECADI, 2013.

F O U L C A U L T , M i c h e l . M i c r o f í s i c a d o p o d e r . D i s p o n í v e l em:<pdfhttp://www.ip.usp.br/portal/images/stories/MH/o_conceito_de_cotidianidade.pdf Acesso em 19/10/2018.

M O L A R , J o n a t h a n d e O l i v e i r a . A l t e r i d a d e : u m a n o ç ã o e m c o n s t r u ç ã o Disponível em:<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/59/42. Acesso em 19/10/2018.

ROCHA. Ruth. ROTH. Otávio. **Declaração universal dos direitos humanos**. São PauloSP, 2004.